

Das velhas às novas formas de irracionalismo*

Entrevista de John Bellamy Foster sobre Georg Lukács e A destruição da razão, por Daniel Tutt

Tradução: Thiago Martins Jorge

Revisão: Henrique Almeida de Queiroz

Nesta entrevista, realizada em 10 de fevereiro de 2023, John Bellamy Foster fala com Daniel Tutt sobre o trabalho de István Mészáros e Paul Baran, as tendências irracionalistas contemporâneas no pensamento ecológico de esquerda, a intensificação das lutas de classes globais e a relevância contínua de *A Destruição da Razão* (1952), de Georg Lukács, recentemente reeditado com uma introdução de Enzo Traverso pela Verso em 2021. A entrevista está sendo disponibilizada antes de uma próxima edição especial da *Historical Materialism*, da qual Tutt é co-editor, dedicada a *The Destruction of Reason*, de Lukács.

Daniel Tutt (DT): Eu entendo que você trabalhou com o falecido István Mészáros, o marxista húngaro que foi um grande estudioso de Lukács e seu assistente pessoal em um ponto. Você acha que Mészáros se inspirou em *A Destruição da Razão*? Sei que Mészáros, por exemplo, desafiava continuamente a esquerda a não ceder ao que Lukács em *A Destruição da Razão* chama de "apologética indireta", e ele diagnosticou essa tendência à medida que o neoliberalismo se tornava cada vez mais sedimentado na vida política. Mészáros elogiou *A Destruição da Razão*?

John Bellamy Foster (JBF): Não trabalhei com Mészáros no sentido formal, pois nunca fui seu aluno e nunca escrevemos juntos, embora tenha escrito prefácios para alguns de seus livros a pedido dele. Éramos amigos muito próximos. Fui para a pós-graduação na Universidade de York, em Toronto, em parte com a ideia de trabalhar com ele, mas, naquela época, ele havia voltado para a Universidade de Sussex. Eu o conheci nos Estados Unidos na Conferência de Estudiosos Socialistas na década de 1980. Tivemos muitas interações por meio da *Monthly Review* ao longo dos anos. Eu o visitava sempre que estava na Inglaterra, a cada dois anos, entre 2000 e sua morte

* Tradução publicada pela primeira vez no Blog: "Resultado Geral" [[Resultado Geral | Substack](#)], o texto é uma tradução livre do original publicada em "Historical Materialism", link de acesso: <[John Bellamy Foster Interviewed by Daniel Tutt on Georg Lukács and The Destruction of Reason - Historical Materialism](#)>

em 2017 e muitas vezes nos correspondíamos. Também estivemos juntos na Venezuela para uma breve visita ao governo quando Chávez era presidente. Assumi grande parte da responsabilidade, junto com outros da *Monthly Review*, pela edição e publicação de seus livros e artigos. Ele (e seu filho, Giorgio, professor da Universidade de Warwick) me confiaram a edição dos manuscritos de seu livro final e inacabado, *Além do Leviatã: Crítica do Estado*. A primeira parte desse livro foi publicada com seu título original pela Monthly Review Press em 2022. Ainda estou trabalhando na edição das partes posteriores, que serão publicadas sob o título *Crítica do Leviatã: Reflexões sobre o Estado*.

Mészáros foi assistente acadêmico de Lukács e foi escolhido como editor de *Ezmelet* (Consciência), que foi cofundado por Lukács, o compositor Zoltán Kodály e as outras figuras do círculo Petőfi, que desempenhou um papel fundamental na Revolução Húngara de 1956. Lukács designou Mészáros como seu sucessor no Instituto de Estética e pediu-lhe que ministrasse as palestras inaugurais sobre estética como professor associado de filosofia. No entanto, Mészáros foi forçado a fugir da Hungria com sua família após a invasão soviética. No entanto, eles permaneceriam amigos por toda a vida. Mészáros escreveria extensivamente sobre Lukács no *Conceito de Dialética de Lukács*, *Além do Capital* e outras obras.

Mészáros sempre insistiu na importância crítica de *A Destruição da Razão*, e falamos sobre isso em vários momentos, geralmente no contexto de desenvolvimentos concretos. As três obras de Lukács que Mészáros disse que sempre resistiriam "ao teste do tempo" foram *História e Consciência de Classe*, *A Destruição da Razão* e *O Jovem Hegel*.¹ Em *O Poder da Ideologia*, Mészáros criticou duramente Adorno por atacar Lukács, incluindo *A Destruição da Razão*, na resenha de Adorno de 1958 de *O Significado da Razão Contemporânea*. Adorno, como Mészáros apontou, publicou sua polêmica contra Lukács no jornal *Der Monat*, fundado pelo Exército dos EUA e financiado pela CIA (após o qual foi rapidamente republicado em outras publicações financiadas pela CIA nos Estados Unidos e em outros lugares), em um momento em que o próprio Lukács ainda estava em prisão domiciliar por seu papel na Revolução Húngara.

¹ See István Mészáros, 'Barbarism on the Horizon: An Interview with István Mészáros', MR Online, 31 December 2013, available from: <https://mronline.org/2013/12/31/meszoros311213-html/> (last accessed 19 September 2024).

DT: Uma das afirmações mais importantes em *A Destruição da Razão* é a periodização histórica que Lukács oferece sobre o estágio imperial do capitalismo monopolista e sua relação com o irracionalismo. Lukács mostra como, embora o irracionalismo tenha surgido do pensamento neokantiano e do recuo dos intelectuais após a revolução de 1848, ele experimentou seu apogeu na última parte do século XIX até a Segunda Guerra Mundial. Seu argumento é que durante o imperialismo tardio, exemplificado desde 2008 pelo capital financeiro monopolista globalizado, surgiram epistemologias irracionistas que retratam a ordem social capitalista como natural e intrascendível. Você pode falar um pouco mais sobre essa relação entre o imperialismo e a ascensão do irracionalismo na vida intelectual? O que há nas condições sociais imperialistas que tornam as epistemologias irracionistas mais atraentes?

JB: Ao aplicar uma crítica materialista histórica ao processo de destruição da razão, Lukács periodizou o crescimento do irracionalismo em termos do estágio imperialista ou monopolista do capitalismo. Lenin disse que "o imperialismo, em sua definição mais breve possível, é o estágio monopolista do capitalismo", e foi nesse sentido que Lukács estava, é claro, se referindo a ele em seu estudo.

O pensamento de Lukács sobre o imperialismo é talvez mais explícito em seu pequeno livro *Lenin: Um Estudo da Unidade de Seu Pensamento*. Aqui, Lukács indicou que Lenin, de uma forma distinta de qualquer outro pensador da época, imaginou o imperialismo, em última análise, em termos do que isso significava para a transformação da política de classe dentro dos próprios estados imperialistas. O imperialismo no final do século XIX e início do século XX, conforme explicado na análise de Lenin em *Imperialismo, o Estágio Superior do Capitalismo*, foi associado ao crescimento dos grandes monopólios capitalistas de produção e finanças, e à luta das grandes potências para estender a colonização e o controle imperial a todo o mundo, cada um às custas dos outros. Foi o conflito sobre a divisão imperial do mundo que levou à Primeira Guerra Mundial, da qual emergiu a Revolução Russa, e depois - após um breve intervalo, que incluiu a Grande Depressão - a Segunda Guerra Mundial. Na Primeira Guerra Mundial, o movimento socialista internacional foi dividido, já que a maioria dos partidos socialistas se juntou aos esforços de guerra de seus respectivos estados. A partir desse ponto, as questões de classe e imperialismo estavam irremediavelmente entrelaçadas, com a luta de classes nos estados capitalistas avançados entendida como restringida pela acomodação de partes da classe

trabalhadora e da esquerda com o sistema imperialista. O capitalismo monopolista, que era inseparável do imperialismo, significou uma nova ordem de poder econômico concentrado, que gerou tendências ao corporativismo e ao fascismo, minando o movimento da classe trabalhadora, com a classe dominante contando em momentos críticos com a mobilização da volátil classe média baixa como retaguarda do sistema.

O imperialismo, ou capitalismo monopolista, foi complementado, segundo Lukács, pelo crescimento do irracionalismo na filosofia, que legitimou no campo do pensamento a crescente irracionalidade na sociedade como um todo e representou uma tentativa de enfraquecer a crítica socialista por meio de apologética indireta em vez de direta. A tradição irracionalista freqüentemente atacou a ordem burguesa, mas ao fazê-lo apresentou os males do capitalismo em termos de instintos primordiais, intuições, mitos, magia, forças vitalistas, niilismo, vontade de poder, o "eterno retorno" de Friedrich Nietzsche e um profundo pessimismo social.

Lukács completou seu livro em 1952 e foi publicado em 1953. Durante esse tempo, a Guerra da Coreia estava ocorrendo, a França estava envolvida em uma guerra para recuperar sua colônia na Indochina e os EUA tinham acabado de detonar o primeiro dispositivo termonuclear nas Ilhas Marshall. Embora esses eventos sejam freqüentemente apresentados exclusivamente em termos da Guerra Fria, para Lukács e para a maioria dos pensadores marxistas, eles eram manifestações do imperialismo. Nessas condições, uma ideologia irracionalista contínua, propícia ao capitalismo monopolista, era de se esperar.

DT: Eu entendo que, quando *A Destruição da Razão* foi publicado no início dos anos 1950, alguns marxistas como Isaac Deutscher alegaram que o trabalho defendia uma mudança no foco da luta ideológica marxista em direção ao irracionalismo versus racionalismo como o principal modo de análise ideológica. O que você acha dessa mudança na luta ideológica para tornar o irracionalismo o objeto principal da luta marxista? Deutscher disse que isso trouxe consigo uma possível desvantagem, pois tornou a crítica da estética possivelmente confusa. Por exemplo, como você provavelmente sabe, Lukács criticou o expressionismo abstrato na arte como irracionalista. Mas ele também, contra o que Adorno argumentou, não criticou a psicanálise como irracionalista em *A destruição da razão*. Então, como separamos o joio do trigo, por assim dizer, se estamos comprometidos em centrar o irracionalismo versus o racionalismo na crítica intelectual? A questão parece ser a de como dissecar e isolar cuidadosamente as tendências irracionalistas verdadeiramente perniciosas no

pensamento, que, como você sabe, são bastante onipresentes.

JBF: A crítica de Deutscher a Lukács foi interessante, mas um pouco distante de qualquer contexto histórico significativo. Em seu 'Georg Lukács e o "Realismo Crítico"', originalmente transmitido pela BBC em 1968, Deutscher estava revisando os *Ensaaios sobre Thomas Mann*² de Lukács. A maioria das peças foi escrita nas décadas de 1930 e 40, durante a ascensão do nazismo na Alemanha e a Segunda Guerra Mundial, embora parte do que foi incluído no volume remontasse a 1909. Para Lukács, Mann representava a razão burguesa mais elevada e esclarecida. Embora reconhecesse suas limitações históricas, Lukács via a posição simbolizada por Mann, que se opunha fortemente a Hitler, como um complemento ao socialismo na luta da Frente Popular contra o irracionalismo e o nazismo. Foi essa abordagem da Frente Popular que Deutscher, vindo de uma tradição marxista diferente da de Lukács, criticou, pois tornou a batalha contra o irracionalismo crucial, presumivelmente às custas do projeto revolucionário. No entanto, no contexto das décadas de 1930 e 1940, quando a luta contra o fascismo estava na vanguarda, a tentativa de Lukács de encontrar um terreno comum entre a razão burguesa clássica e a razão socialista pode ser vista como inteiramente defensável.

Em 1968, quando Deutscher estava escrevendo, as coisas, é claro, pareciam diferentes. Não há dúvida de que Deutscher estava certo de que a crítica de Lukács ao irracionalismo – ele mencionou especificamente *A Destruição da Razão* – representava uma tentativa de se juntar à burguesia mais esclarecida e racional contra tendências fascistas declaradas. Deutscher criticou isso. No entanto, há momentos, acredito, em que tais alianças são essenciais de uma perspectiva revolucionária. Hoje, por exemplo, uma luta abolicionista ao estilo da Frente Popular contra o “capital fóssil”, se isso pudesse ser realizado, poderia ser uma estratégia racional de curto prazo para salvar a humanidade da catástrofe planetária em um futuro próximo. Marx e Engels não hesitaram em recorrer à razão dialética de G.W.F. Hegel, apesar de seu caráter idealista burguês. Eles se aliaram aos setores mais progressistas da burguesia em certas conjunturas críticas, na tentativa de transcender os piores irracionalismos do capitalismo de sua época. Basta pensar na carta de Marx, como Secretário Geral da

² See Isaac Deutscher, 'Georg Lukács and "Critical Realism"', *Marxism in Our Time*, ed. Tamara Detuscher (Berkeley, CA: The Ramparts Press, 1971), pp. 283–93.
<https://www.marxists.org/archive/deutscher/1965/lukacs-critical.htm>

Primeira Internacional, a Abraham Lincoln, parabenizando-o por sua reeleição porque significava "Morte à Escravidão"³.

Se estamos adotando uma abordagem histórico-materialista, há, é claro, uma certa maneira geral de olhar para as questões de materialismo, dialética, história, razão e crítica que surge dessa tradição, enraizada em uma orientação revolucionária para a luta da classe trabalhadora e o movimento em direção ao socialismo. "O confronto da realidade com a razão", como Paul Baran o chamou em "Sobre a Natureza do Marxismo", é uma parte essencial da filosofia da práxis⁴. Lukács via o irracionalismo filosófico como tendo se desenvolvido como uma forma de defender intelectualmente a sociedade burguesa por meio do cultivo da irracionalidade, fornecendo uma apologética indireta para o sistema e, ao mesmo tempo, um andaime intelectual para a reação extrema, o niilismo e a destruição. O fato de que os mesmos sistemas filosóficos irracionalistas que Lukács estava criticando continuem a ter peso em nosso tempo deve ser uma preocupação central para uma esquerda que aparentemente é incapaz de confrontar a realidade com a razão ou de conectar a razão com um projeto de classe emancipatório. Não há dúvida de que Lukács em *A Destruição da Razão* não se concentrou no irracionalismo em geral, mas sim naquelas formas de irracionalismo que eram consideradas o auge da cultura europeia, que não apenas defendia os horrores permanentes do capitalismo, mas, de muitas maneiras, encorajava uma visão exterminacionista, explícita na obra da era nazista de Martin Heidegger, se não também em Friedrich Nietzsche.

DT: O que explica a frustração com o argumento que Lukács está fazendo contra o irracionalismo na esquerda de hoje? Por exemplo, muitas pessoas na esquerda hoje defendem apaixonadamente o pensamento irracionalista, especialmente na esteira da enorme popularidade na academia moderna do pós-estruturalismo, do pensamento heideggeriano de esquerda, de Gilles Deleuze e Félix Guattari e de várias formas de nietzscheanismo. Algumas pessoas pensam que o pensamento irracionalista fez algum bem para a esquerda. Se o pós-modernismo está sendo chamado de irracionalista, muitas pessoas parecem discordar dessa acusação porque veem como a direita

³ Karl Marx, Letter to Abraham Lincoln, 23 December 1864, in Marx and Engels Collected Works. Marx and Engels: 1864–1868, vol. 20 (London: Lawrence & Wishart, 1985), pp. 19–21, here p. 19. [Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; *A Guerra Civil dos Estados Unidos*, trad. Luiz Felipe Osório e Murilo Van der Laan; São Paulo: Boitempo 2022; p. 353].

⁴ Paul Baran, 'On the Nature of Marxism', *The Longer View: Essays Toward a Critique of Political Economy*, New York: Monthly Review Press, 1971, pp.19–42.

transformou o pós-modernismo em uma espécie de apito de cachorro que é usado para rebaixar a teoria queer e outras lutas minoritárias. Como podemos defender o uso do irracionalismo por Lukács com maior nuance e cuidado com essas dinâmicas?

JB: Ao responder a essa pergunta, é útil olhar para o epílogo (às vezes chamado de pós-escrito) de *Destruição da Razão* de Lukács, que tanto indignou alguns intelectuais marxistas ocidentais, para ver o que está em questão aqui. Em sua conclusão da coletânea sobre *Estética e Política* lançada em 1977 – contendo escritos de Adorno, Walter Benjamin, Ernst Bloch, Bertolt Brecht e Lukács – Fredric Jameson não poderia ser mais claro em sua denúncia, refletindo a posição geral do marxismo ocidental na época. Nem mesmo "o apologista mais endurecido de Lukács", escreveu Jameson, "vai querer negar" que, dos muitos textos de Lukács que serviram para desacreditar o marxismo, o "ultrajante pós-escrito de *Die Zerstörung der Vernunft* é o menos digno de reabilitação"⁵.

Por que Jameson e tantos outros consideraram o epílogo de *A Destruição da Razão* além da reabilitação? Escrevendo durante a Guerra da Coréia, Lukács condenou o império dos EUA como incorporando a continuidade do capitalismo monopolista após a Segunda Guerra Mundial, de maneiras que representavam uma ruptura menos do que completa com o sistema irracionalista (a Alemanha de Adolf Hitler também era um produto do capitalismo monopolista). Em seu epílogo, Lukács atacou especificamente James Burnham (um importante intelectual da Guerra Fria dos EUA que buscou legitimar o capitalismo monopolista como uma nova forma de capitalismo gerencial), Walter Lippmann (um dos principais fundadores do neoliberalismo) e Karl Jaspers (um crítico virulento de Marx e Freud), juntamente com a reabilitação então em andamento de Heidegger e Carl Schmitt (ambos os principais pensadores irracionalistas que estavam entre os principais apoiadores intelectuais de Hitler). A premissa subjacente por trás dessa forma emergente de irracionalismo, afirmou Lukács, era "a impossibilidade de saída" do sistema (veja sua discussão sobre Jaspers). Todos os horrores da nova hegemonia capitalista sob os EUA foram, portanto, justificados nesse novo irracionalismo pela noção de fim da história. O irracionalismo não havia sido totalmente derrotado, argumentou Lukács, mas estava sendo ressuscitado por esses motivos, nos quais a porta para o futuro agora estava

⁵ Fredric Jameson, 'Reflections in Conclusion', in Fredric Jameson (ed.), *Aesthetics and Politics*, London: Verso, 2007, pp. 196–213, here p. 201.

fechada. Hoje, nem mesmo o mais "endurecido" oponente de Lukács na esquerda poderia negar que ele estava amplamente correto. Sua caracterização dos EUA em seu epílogo não era diferente da de W.E.B. Du Bois ao mesmo tempo, que condenou em termos inequívocos o imperialismo, o racismo, a dominação de classe e o irracionalismo do capitalismo.

A frustração expressa por setores da esquerda de hoje, quando confrontados com a noção de que a crítica de Lukács à destruição da razão é diretamente aplicável à filosofia de esquerda contemporânea, é quase idêntica à reação de Jameson na década de 1970 ao epílogo de Lukács, e essencialmente com as mesmas causas. Jameson estava claramente reagindo à nitidez das críticas de Lukács a Heidegger, Schmitt, Jaspers e Lippmann e à dureza de sua descrição do império dos EUA. E, dado que Jameson ficou horrorizado com as acusações de Lukács colocadas aos pés de Heidegger, isso claramente tocou um acorde (foi um acerto?) mesmo então. Hoje, a substância da crítica de Lukács a Heidegger parece quase branda em comparação com o que a esquerda ocidental foi forçada a admitir diante das evidências. De fato, toda a crítica de Lukács em *A Destruição da Razão*, incluindo o epílogo, resistiu, como disse Mézáros, "ao teste do tempo", ganhando força apenas nos setenta anos desde que foi escrita.

A verdade é que, em vez de desafiar diretamente o capitalismo a partir da perspectiva marxista de acordo com a razão e os interesses materiais da classe trabalhadora, os acadêmicos ocidentais que ainda professam ser de esquerda abandonaram completamente o marxismo, buscando criticar a modernidade e o humanismo baseando-se na tradição irracionalista que emana da direita. No processo, os vários pensadores "pós-" caíram em uma armadilha, em parte preparada para eles e em parte por sua própria criação. Basta pensar em como a esquerda ocidental ficou horrorizada quando os escritos nazistas de Heidegger, que ele sempre se recusou a repudiar, saíram um após o outro a seu próprio pedido em suas *Obras Completas*, até mesmo emendados em alguns lugares para reinserir suas visões exterminacionistas completas, que tinham, em alguns lugares, sido excluídas pelos editores, mostrando o quão profundamente isso estava organicamente ligado a toda a sua filosofia. É uma marca da força do compromisso com o irracionalismo filosófico na academia hoje que o pensamento heideggeriano ainda não tenha sido abandonado neste momento, mesmo com a publicação de seus *Cadernos Negros*. Em vez disso, novos esforços estão sendo feitos para reabilitá-lo mais uma vez, dadas as repercussões que a rejeição

de seu pensamento teria para gerações de pensadores supostamente de esquerda (que essencialmente tomaram suas obras, de preferência a toda a tradição hegeliano-marxista) como sua base fundamental.

Não levo a sério a noção de que a esquerda ocidental, ao enfrentar o irracionalismo que penetrou em seu pensamento, correria o risco de ser vítima dos apitos da direita no que diz respeito a questões de pessoas trans, raça ou gênero. Escolher Hegel e Marx em vez de Nietzsche e Heidegger dificilmente pode fazer o jogo da direita. Embora o histórico não seja, é claro, imaculado, a luta contra o racismo, a misoginia, a homofobia, a transfobia e todas as outras formas de discriminação sempre foi mais forte na esquerda marxista, integrada à luta de classes e à luta anti-imperialista. Quando Lukács atacou o império dos EUA no epílogo *de A Destruição da Razão*, ele não ignorou, como tantos na época na esquerda europeia, a raça. Em vez disso, ele destacou o sistema de "linchamento", no qual a estrutura de poder dos EUA se baseava.

A direita, é claro, não tem nenhum problema real com uma esquerda que se devora em apologética indireta do sistema capitalista e fomenta o irracionalismo filosófico, complementando de muitas maneiras a própria direita irracionalista. Uma tradição de esquerda que se baseia em figuras racistas e misóginas, bem como antioperárias e antissocialistas, como Arthur Schopenhauer, Nietzsche, Oswald Spengler, Heidegger e Schmitt, e vê sua lógica interna como anti-humanismo, enquanto minimiza o imperialismo, naturalmente faz o jogo reacionário, perdendo contato com lutas genuinamente radicais e revolucionárias em todo o mundo.

DT: Eu me pergunto o que o estudo de Lukács nos diz sobre a responsabilidade do intelectual. Se, como Lukács parece argumentar, as ideias nunca são inocentes, como devemos entender essa realidade? O que *A destruição da razão* nos diz sobre a vocação do intelectual marxista? Existe uma reivindicação ética implícita sendo feita por Lukács neste trabalho?

JBF: Lukács começou a trabalhar em *A Destruição da Razão* em 1948, na época em que escreveu "Sobre a Responsabilidade dos Intelectuais", que foi um precursor de seu argumento. Aqui ele levantou a questão da tendência, já visível na esquerda francesa, "de trazer o niilismo franco do Heidegger pré-fascista de acordo com os problemas de hoje", transformando assim o "cinismo em farsa". Lukács insistiu que a intelligentsia ocidental estava em um ponto de inflexão. Ou os intelectuais escolheram

ser "vítimas indefesas, ajudantes sem vontade de uma reação bárbara", ou escolheriam ser "desbravadores e campeões de uma virada progressiva na história mundial"⁶.

Todo o livro *A Destruição da Razão* era, portanto, sobre a responsabilidade do intelectual de aderir à razão crítica em vez do irracionalismo e carregava consigo um forte imperativo ético. Lukács levanta essa questão de forma um tanto oblíqua na conclusão, onde afirmou: "De forma alguma é preciso ser socialista para sentir a urgência do problema [o crescimento do irracionalismo] e tomar uma posição vigorosa na busca de uma solução. Já nos anos vinte, Thomas Mann escreveu: "Eu disse que as coisas só iriam bem com a Alemanha e que ela só se recuperaria quando Marx lesse Friedrich Hölderin – um encontro que, a propósito, está começando a acontecer"⁷. Para Lukács, o ponto real aqui não era tanto o forjamento de uma relação de Marx com Hölderin (simbólica dos pólos da cultura alemã), mas sim a relação de Marx com Mann, uma vez que, nos próprios termos de Lukács, Marx representava o zênite da razão socialista e Mann o da razão burguesa consciente – ambos em oposição ao irracionalismo.

Escrevi um artigo sobre a ética de Lukács para *Ezmélet* em novembro de 2021, cuja versão em inglês apareceu na *Monthly Review* em fevereiro de 2022⁸. O problema ético ocupou Lukács desde o início da Revolução de Outubro na Rússia, o que o levou a declarar sua justificativa ética fundamental (contrariando suas visões anteriores) para ingressar na Revolução Bolchevique em sua 'Tática e Ética' (1919). "A consciência e o senso de responsabilidade do indivíduo", escreveu ele, "são confrontados com o postulado de que se deve agir como se de sua ação ou inação dependesse a mudança do destino do mundo"⁹. Aqui, ele estava enfatizando a relação entre 'eu e individualidade', isto é, se a razão e a ética de alguém eram guiadas pelo eu individual ou pelo interesse geral (individualidade) da humanidade. "A ética", escreveu ele em

⁶ Georg Lukács, 'On the Responsibility of the Intellectuals', *Telos* 3 (spring 1969), pp. 123–31, here pp. 126 and 131, respectively.

⁷ Georg Lukács, *The Destruction of Reason*, trans. Peter Palmer (London: Verso, 2021) [Cf. LUKÁCS, György; *A Destruição da Razão*; trad. Bernard Hermann, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes; São Paulo; Instituto Lukács, 2020].

⁸ John Bellamy Foster, 'Lukács and the Tragedy of Revolution: Reflections on "Tactics and Ethics"', *Monthly Review*, vol. 73, no. 9 (February 2022), available from: <https://monthlyreview.org/2022/02/01/lukacs-and-the-tragedy-of-revolution/> (last accessed 19 September 2024).

⁹ Georg Lukács, 'Tactics and Ethics', in *Tactics and Ethics, 1919–1929: The Questions of Parliamentarianism and Other Essays* (London: Verso, 2014), pp. 3–11, here p.8, with minor amendments. [Cf. *Revista Libertas*, v. 21, nr. 1; "Sobre a questão do parlamentarismo"; trad. Alexandre Aranha Arbia, 2021. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/34611/23404>]

sua *Estética*, "é o campo crucial da luta fundamental e decisiva entre *este mundanismo* e o *outro mundo*, da verdadeira transformação substituta / preservadora da particularidade humana"¹⁰. A própria razão dialética apontava para a necessidade de uma ética superior incorporada no desenvolvimento social de cada ser humano individual.

Uma responsabilidade primária do intelectual diante do irracionalismo e do extermínio de nosso tempo é se opor ativamente à destruição da razão que atualmente separa o pensamento crítico-dialético da práxis revolucionária inclusiva e de classe que constitui o futuro da história. No passado, os teóricos marxistas muitas vezes acusaram as tendências conformistas da esquerda de recuar da classe ou abandonar o projeto emancipatório. Hoje, quando a própria sobrevivência da humanidade está em jogo, é essencial reconhecer que uma parte crucial e estratégica dessa luta geral é a defesa do próprio processo de "confronto da realidade com a razão", que a penetração do irracionalismo na esquerda colocou em questão. Isso requer o que Jean-Paul Sartre chamou de compromisso com "revoluções impossíveis"¹¹.

DT: Em seu artigo 'O Novo Irracionalismo', você discute como as filosofias neomaterialistas de imanência no pensamento ecológico, como Timothy Morton, Jane Bennett e Bruno Latour, são profundamente informadas por correntes irracionalistas de pensamento, do vitalismo ao anti-humanismo heideggeriano de esquerda. Qual é o seu conselho para os estudantes de marxismo e ecologia para abordar essas limitações da perspectiva de uma orientação racionalista?

JB: Provavelmente a maior parte do meu trabalho nas últimas duas décadas foi dedicada à ecologia marxista. O campo ecológico tem sido, em geral, realista e materialista em orientação, fortemente influenciado pela ciência natural e firmemente oposto ao capitalismo histórico. A ecologia marxista e o ecossocialismo têm desempenhado um papel importante e crescente na compreensão da crise ambiental planetária e suas raízes no sistema de acumulação de capital, influenciando não apenas a teoria e a ciência, mas também os movimentos locais em todo o mundo.

¹⁰ Georg Lukács quoted in István Mészáros, *Beyond Capital* (New York: Monthly Review Press, 1995), p. 400 [Lukács apud MÉSZÁROS, István; *Para Além do Capital*; tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011; p. 487].

¹¹ See Mészáros, *The Work of Sartre: Search for Freedom and the Challenge of History* (New York: Monthly Review) 2012. [Cf. MÉSZÁROS, István; *A obra de Sartre: a busca da liberdade*; trad. Lólio Lourenço de Oliveira São Paulo: Ensaio, 1991].

Fiquei surpreso, então, com o surgimento na última década de um crescente irracionalismo dentro da discussão ecológica que emana principalmente da esquerda, principalmente dentro das correntes pós-humanistas, incluindo o novo materialismo vitalista, o hibridismo de estilo laturiano, a análise ator-rede, a ontologia orientada a objetos e similares. Tais análises são deliberadamente ignorantes da ecologia como uma disciplina, removida da ciência, não versada na ecologia marxista e desconectada do movimento ambientalista. Eles adotaram uma postura ética pura, como se esse fosse todo o problema, e procuraram promover um novo animismo sob o nome de um chamado novo materialismo. Nessa visão, o mundo não pode ser entendido em termos materialistas, abrangendo o surgimento de novas formas organizacionais e níveis integrativos. Em vez disso, é necessário importar elementos vitalísticos, processos sobrenaturais ou paranormais e ontologia plana orientada a objetos. Essa análise é explicitamente anti-humanista, antinaturalista, anticientífica, antidialética. Os próprios conceitos de natureza e humanidade são abandonados enquanto um pensador palhaço como Slavoj Žižek, em apoio a essas tendências irracionalistas, pronuncia que "a ecologia é um novo ópio para as massas"¹².

Muito desse irracionalismo neomaterialista se baseia e distorce pensadores materialistas ou orientados para o materialismo, como Epicuro e Spinoza. O marxismo é um alvo frequente. Em algumas análises orientadas para o pós-humanismo, a crítica de Marx ao valor da mercadoria é inteiramente desconstruída, de modo que o valor da mercadoria ou a forma do valor é atribuída a todo "trabalho", realizado pela energia no universo no sentido da física, tornando impossível qualquer crítica significativa do capitalismo como um sistema político-econômico. Foi a descentralização filosófica da crítica da economia política que Lukács destacou em seu "Sobre a Responsabilidade dos Intelectuais" como a tendência mais perniciosa do irracionalismo do período pós-guerra. A própria dialética é reduzida ao dualismo ou ao monismo, excluindo a mediação, a totalidade e a emergência.

Mais recentemente, figuras como Latour, Bennett e Morton assumiram Marx diretamente na forma da rejeição de sua crítica ao fetichismo da mercadoria e ao fetichismo como um todo. Eles argumentam que a perspectiva de Marx, ao basear seu argumento na crítica da mistificação das relações sociais humanas, vendo-as

¹² See Slavoj Žižek, 'Censorship Today: Violence, or Ecology as a New Opium for the Masses', available from: <https://www.lacan.com/zizecology1.htm> (last accessed 19 September 2024).

simplesmente como relações entre coisas/mercadorias e, portanto, reificadas, discrimina todas as pessoas não humanas. Tais pessoas não humanas, dizem-nos, podem incluir tudo, desde os dinossauros de plástico de Adorno até um chocolate, um pedaço de carvão, um micróbio - todos os quais são vistos no mesmo plano ontológico plano, junto com seres humanos e todas as outras espécies vivas. Em uma espécie de irracionalismo empirista que exclui a abstração, tudo se converte em uma vasta teia de imbróglis, feixes e híbridos. A crítica do fetichismo da mercadoria é transformada por Morton em uma celebração das coisas sobre a humanidade, a ponto de toda a questão da agência humana se perder.

Em seu livro *Humankind*, Morton acusou Marx, quando descreveu o processo da máquina em seu tratamento do capital constante em *O Capital*, de um ponto de vista antiecológico e antropocêntrico na medida em que não conseguiu ver o carvão, o óleo e a graxa usados no processo como "pessoas não humanas". Morton e Bennett nos dizem que pedras e outros objetos inanimados pensam, exercem vontade e exibem agência, replicando assim as alegações irracionalistas de Schopenhauer, enquanto atribuem falsamente tais pontos de vista a Spinoza também. Com base nisso, que nada tem a ver com os verdadeiros desafios ecológicos que a humanidade enfrenta e a necessidade de uma transformação social revolucionária, Marx e toda a tradição marxista são acusados de serem antiecológicos ao não reconhecerem totalmente os espectros terrenos, os objetos fantasmagóricos, o paranormal e o real simbiótico. Como a análise de Marx não se concentra em tudo, desde a terra abaixo até as estrelas acima, bem como em todas as mercadorias manufaturadas feitas pelo homem, como constituindo um universo de pessoas não humanas, ele é propenso ao antropocentrismo. Assim, Morton nos diz que ou "o antropocentrismo de Marx é uma característica profunda de seu pensamento", ou então é "um bug" em seu pensamento (a posição que o próprio Morton prefere). (Da mesma forma, "o nazismo de Heidegger é um bug, não uma característica".)¹³ A noção de Marx de "metabolismo social", que, para ele, fazia parte do "metabolismo universal da natureza", é tão distorcida por Morton que é transformada em um mero "metabolismo econômico humano" e é então submetida a críticas como antropocêntrica nessa falsa base.

Foi meu encontro com o irracionalismo entrando no reino ecológico da suposta esquerda, desafiando todas as formas de práxis ecológica revolucionária, junto com a

¹³ Timothy Morton, *Humankind: Solidarity with Nonhuman People* (London: Verso, 2017), p. 30, 91.

Ciência do Sistema Terrestre, o marxismo e o realismo crítico dialético, que primeiro me preocupou com a maneira como o irracionalismo estava desorganizando a esquerda, removendo-a do reino da ação necessária e constituindo uma apologética indireta para o sistema capitalista. Isso me levou de volta a *A Destruição da Razão*, de Lukács.

DT: Você termina seu artigo "O Novo Irracionalismo" invocando Baran, que uma vez disse que temos que empregar a razão para estabelecer uma "identidade dos interesses e necessidades *materiais* de uma *classe* [ou forças sociais baseadas em classes] com ... A crítica da razão à irracionalidade existente'¹⁴. Você continua sugerindo que a localização geográfica mais provável para que isso ocorra reside no Sul Global. Embora eu ache que esse é um argumento convincente, eu me pergunto quais são seus pensamentos sobre as perspectivas da luta de classes nos EUA. Quais podem ser algumas lições práticas que Lukács pode oferecer aos EUA e até mesmo à esquerda europeia em sua luta para enfrentar a nova era do imperialismo e do capitalismo monopolista que enfrentamos hoje?

JBf: Baran nasceu em 1910 em Nikolaev, Ucrânia, no Império Russo Czarista. Ele foi treinado em economia no Instituto Plekhanov de Economia em Moscou e na Universidade de Berlim. Ele entrou nos EUA com um passaporte polonês, estudou economia em Harvard, trabalhou na Segunda Guerra Mundial para o Strategic Bombing Survey com John Kenneth Galbraith e acabou como professor titular de economia em Stanford, eventualmente sendo atacado à moda macarthista por sua defesa de Cuba. Ele era uma figura central na *Monthly Review*. No início dos anos 1930, ele trabalhou como assistente de Friedrich Pollock no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Assim, os temas da Escola de Frankfurt com relação à razão crítica permeiam seu pensamento. Ele foi o famoso autor de *A Economia Política do Crescimento* (1957), que foi a obra fundadora da teoria marxista da dependência e do imperialismo do pós-guerra. Ele e Paul Sweezy escreveram mais tarde *Monopoly Capital*, que foi publicado em 1966, dois anos após a morte de Baran.

O ponto de Baran na carta a Sweezy que citei em "The New Irrationalism" foi que o que ele chamou de "o ponto crucial" da visão marxista era a combinação da razão

¹⁴ Paul A. Baran to Paul M. Sweezy, 3 February 1957, in Paul A. Baran and Paul M. Sweezy, *The Age of Monopoly Capital* (New York: Monthly Review Press, 2017), p. 154.

crítica dialética com os interesses materiais dos movimentos baseados em classes. Portanto, um ataque à razão era, em muitos aspectos, tão eficaz na luta ideológica do capitalismo contra o marxismo quanto um ataque à realidade da própria classe trabalhadora. Para Baran, o irracionalismo intelectual foi ainda mais facilmente transformado em uma arma contra a classe trabalhadora e as populações do terceiro mundo porque refletia o irracionalismo elementar da própria sociedade capitalista monopolista. Não é por acaso que o capítulo final de *O Capital Monopolista* foi intitulado "O Sistema Irracional".

Baran foi acima de tudo um crítico do imperialismo e do capitalismo monopolista. Para Baran e Sweezy, a revolução no final do século XX foi amplamente confinada à vasta revolta contra o imperialismo na periferia do sistema capitalista e aos movimentos dentro do mundo capitalista avançado, incluindo os dos racialmente oprimidos, que adotaram uma forte política anti-imperialista e baseada em classes. A realidade era que uma grande parte da classe trabalhadora principalmente branca nos estados capitalistas avançados havia se acomodado à ordem imperial dominada pelos EUA. Essa dinâmica continua até hoje, e a acomodação à ordem mundial imperialista até agora caracterizou a maior parte da chamada esquerda ocidental, impedindo qualquer ponto de vista revolucionário. O livro de 2000 de Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire*, é considerado um dos estudos de esquerda mais bem-sucedidos das últimas duas décadas, mas sua fama teve muito a ver com a forma como foi elogiado pelos principais órgãos da grande mídia, como o *New York Times*, *Time Magazine* e *Foreign Affairs* (a publicação do *Council of Foreign Relations*, conhecido como 'o cérebro imperial confiável') por declarar que 'o imperialismo acabou'. Isso estava enraizado em uma análise que se baseou em pontos críticos na tradição de Nietzsche, Heidegger e Schmitt, via esquerda francesa, para defender "o fim do funcionamento da dialética"¹⁵. Não conseguindo se identificar com as partes do mundo onde a revolução estava ocorrendo, acomodando-se com o imperialismo e cessando a guerra com o capitalismo monopolista, grande parte da esquerda intelectual voltou-se para meras formas discursivas de análise. Aqui, o irracionalismo e o idealismo subjetivo tornam-se as modalidades dominantes, e referir-se ao "pós-" não significa ir além da mera rejeição nietzschiana.

¹⁵ Michael Hardt and Antonio Negri, *Empire* (Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 2000), p. 378 [Cf. NEGRI, Antonio; LAZZARATO, Maurizio; *Imperio*; Rio de Janeiro: Record, 2001].

No entanto, as condições são tais que a luta de classes está mais uma vez se intensificando na Europa e na América do Norte atualmente, bem como no Sul Global. Enquanto escrevo isso no início de fevereiro de 2023, ondas massivas de greves estão ocorrendo na Grã-Bretanha e em outras partes da Europa. Quase um milhão de manifestantes franceses, principalmente da classe trabalhadora, estão confrontando o governo e a polícia franceses sobre a extensão da austeridade capitalista às pensões, aumentando a idade em que elas podem ser recebidas. Nos EUA, o movimento sindical está revivendo de uma baixa anterior.

Dada a crise ecológica planetária, a escalada da guerra, a estagnação e a financeirização e a crescente polarização da riqueza e do poder em escala mundial, absolutamente nada na estrutura política, econômica e ideológica da sociedade atualmente pode ser considerado estável. Estamos em uma nova era em que as várias chamadas *pós-filosofias* provavelmente desaparecerão, à medida que a humanidade da classe trabalhadora mais uma vez procura derrubar o mundo alienado e irracionalista. Agora, mais do que nunca, em nosso tempo, a responsabilidade da esquerda é se engajar em uma luta revolucionária em escala planetária com o objetivo de criar um mundo de igualdade substantiva e sustentabilidade ecológica, ou seja, um socialismo para o século XXI.